

EIXO 4: INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE NA EDUCAÇÃO HÍBRIDA

Autoras | Authors

Sueli Matos Moreira da Rocha*
suelimoreira@gmail.com

Luciano Pereira da Silva**
luciano.silva@ifb.edu.br

Mônica Luciana da Silva
Pereira***
monica.pereira@ifb.edu.br

OS PROCESSOS DO ENSINO A DISTÂNCIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOB O VIÉS DA INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS

THE E-LEARNING PROCESS: A BIBLIOGRAPHICAL REVIEW UNDER THE DEAF STUDENTS INCLUSION BIAS

Resumo: a pesquisa pretendeu responder as seguintes problemáticas: quais recursos e atividades virtuais são mais apropriados para o uso em salas virtuais inclusivas? Notou-se que os recursos ofertados na EaD precisam ser adaptados para os alunos surdos, além da disponibilidade de um intérprete de Libras.

Palavras-chave: educação a distância, alunos surdos, recursos virtuais.

Abstract: *The research aimed to answer the following problem: What virtual resources and activities are most appropriate for use in inclusive virtual rooms? It was noted that the resources offered in the EaD need to be adapted for the deaf students, besides the availability of an interpreter of Libras.*

Keywords: *e-learning, deaf students, virtual resources.*

INTRODUÇÃO

O aluno de um curso a distância tem o comportamento diferenciado, pois precisa ler muitos livros e outros tipos de materiais. Com isso, ele desenvolve a autonomia para se organizar mais para a realização de todas as atividades propostas. Assim, o aluno tem a possibilidade de definir o tempo e os momentos de interações e de participações no ambiente virtual. Esse pensamento ratifica o pensamento de Moore (apud Silva 2004, p. 02):

“Educação a distância é uma relação de diálogo, estrutura e autonomia que requer meios técnicos para mediatizar esta comunicação. Educação a distância é um subconjunto de todos os programas educacionais caracterizados por: grande estrutura, baixo diálogo e grande distância transacional.”

O autor supracitado elenca ações que os alunos precisam ter para lograr êxito no percorrer de um curso a distância. Ele precisa de recursos consolidados para o desenvolvimento do curso em questão, além de conhecer sobre o

Recebido em: 15/07/2018

Aceito em: 13/09/2018

currículo do curso e os seus objetivos, e assim o aluno poderá conquistar e construir melhores conhecimentos do ambiente virtual. Ressalta, ainda, a importância de haver um ambiente interativo e colaborativo, isto é, enseja uma discussão em que haja várias vozes que componham um texto participativo por parte do aluno, e desta forma, irá apresentá-los argumentando seus pensamentos, construindo e reconstruindo pensamentos e reflexões consistentes da temática desenvolvida no permear do curso.

O aluno do curso a distância tem elos importantes para embasar sua autonomia e continuidade no processo - o professor e o tutor - que precisam exercer suas funções de forma motivadora e com “capacidade e dom” de provocar e incitar desejo pela construção e reconstrução do conhecimento, adentrando no campo da autonomia, e, também, de mediar o processo de ensino e aprendizagem no permear do curso em questão. A relação do aluno e do tutor/professor não é unilateral, mas bilateral, pois há interações no ambiente colaborativo em que todos os atores agem de forma a colaborar na construção desse conhecimento apresentado nos moldes assíncrono e síncrono.

Um ponto a destacar do aluno em EaD é a autonomia que deve ser desenvolvida, pois o fará buscar o maior aprofundamento no conteúdo estudado, sob as exigências curriculares institucionais. Silva (2004, p. 05) afirma que na aprendizagem autônoma reconhecemos três componentes que exercem fundamentais papéis no percorrer do processo:

Componentes do Saber - Tanto o professor quanto o aluno possuem um duplo problema: o de entender o seu próprio conhecimento construído enquanto professor e aluno ao longo de sua vida. E esse conhecimento pode direcionar para diversos graus de profundidade, variando de indivíduo para indivíduo dependendo das oportunidades para realizá-las. Não se trata de um saber teórico aprendido, e sim em um saber relativo a si mesmo, saber sobre o seu próprio processo de aprendizagem, com suas facilidades e dificuldades, pois o aprendizado não ocorre pela razão e sim por excitações e afetações. Para executar, é preciso “saber fazer”

Componentes do saber fazer - Partindo do pressuposto de que todo conhecimento sobre o processo de aprendizagem está naturalmente à disposição de uma aplicação prática, o saber sobre o seu processo de aprendizagem, deve ser convertido em um saber fazer. Para que o Ensino possa criar um clima desafiador, podemos citar três condições básicas; autenticidade, sinceridade e coerência nas relações professor/aluno; aceitação do outro, o “saber ouvir”, respeitando o outro como ele é, com suas potencialidades e limitações. O professor não deve ficar na relação do “sabe tudo” e o aluno na posição de “tábua rasa”.

Componente do Querer - O desejo, a vontade de aplicar algo é de fundamental importância para que se obtenha sucesso. Esse componente diz respeito à questão do aluno estar convencido da utilidade e vantagens dos procedimentos de aprendizagem autônoma e querer aplicá-los.

dade medida pela prática social, pela palavra e pela interação com os outros. O sujeito inserido num contexto historicamente construído está imerso em um sistema de significações sociais (FERREIRA, 2010). Acredita-se que a incorporação das interações midiáticas, extensamente compartilhadas nos o desenvolvimento do curso em questão, além de conhecer sobre o currículo do curso e os seus objetivos, e assim o aluno poderá conquistar e construir melhores conhecimentos do ambiente virtual. Ressalta, ainda, a importância de haver um ambiente interativo e colaborativo, isto é, enseja uma discussão em que haja várias vozes que componham um texto participativo por parte do aluno, e desta forma, irá apresentá-los argumentando seus pensamentos, construindo e reconstruindo pensamentos e reflexões consistentes da temática desenvolvida no permear do curso.

O aluno do curso a distância tem elos importantes para embasar sua autonomia e continuidade no processo - o professor e o tutor - que precisam exercer suas funções de forma motivadora e com “capacidade e dom” de provocar e incitar desejo pela construção e reconstrução do conhecimento, adentrando no campo da autonomia, e, também, de mediar o processo de ensino e aprendizagem no permear do curso em questão. A relação do aluno e do tutor/professor não é unilateral, mas bilateral, pois há interações no ambiente colaborativo em que todos os atores agem de forma a colaborar na construção desse conhecimento apresentado nos moldes assíncrono e síncrono.

Um ponto a destacar do aluno em EaD é a autonomia que deve ser desenvolvida, pois o fará buscar o maior aprofundamento no conteúdo estudado, sob as exigências curriculares institucionais. Silva (2004, p. 05) afirma que na aprendizagem autônoma reconhecemos três componentes que exercem fundamentais papéis no percorrer do processo:

Componentes do Saber - Tanto o professor quanto o aluno possuem um duplo problema: o de entender o seu próprio conhecimento construído enquanto professor e aluno ao longo de sua vida. E esse conhecimento pode direcionar para diversos graus de profundidade, variando de indivíduo para indivíduo dependendo das oportunidades para realizá-las. Não se trata de um saber teórico aprendido, e sim em um saber relativo a si mesmo, saber sobre o seu próprio processo de aprendizagem, com suas facilidades e dificuldades, pois o aprendizado não ocorre pela razão

e sim por excitações e afetações. Para executar, é preciso “saber fazer”

Componentes do saber fazer - Partindo do pressuposto de que todo conhecimento sobre o processo de aprendizagem está naturalmente à disposição de uma aplicação prática, o saber sobre o seu processo de aprendizagem, deve ser convertido em um saber fazer. Para que o Ensino possa criar um clima desafiador, podemos citar três condições básicas; autenticidade, sinceridade e coerência nas relações professor/aluno; aceitação do outro, o “saber ouvir”, respeitando o outro como ele é, com suas potencialidades e limitações. O professor não deve ficar na relação do “sabe tudo” e o aluno na posição de “tábua rasa”.

Componente do Querer - O desejo, a vontade de aplicar algo é de fundamental importância para que se obtenha sucesso. Esse componente diz respeito à questão do aluno estar convencido da utilidade e vantagens dos procedimentos de aprendizagem autônoma e querer aplicá-los.

TEORIA COMUNICATIVA DE GRICE

A Educação a Distância dispõe de recursos e de ferramentas que auxiliam o educando nos mecanismos e nos processos que compõem o ensino a distância e assim, fortalecer o aluno em seu percurso no curso, contudo, possibilita autonomia do aluno. No entanto, vários protagonistas são importantes nesse contexto educativo, tais como os professores, os tutores, os alunos, os recursos tecnológicos e o sistema estrutural.

O ensino a distância, hoje, depara-se com necessidade da ampliação e implantação de ações inclusivas, pois o contexto social tem apresentado uma nova forma de ensino com diferenças e peculiaridades, em especial, sobre o ensino voltado ao aluno com deficiência auditiva. Sob esse viés, a comunidade surda logra êxito diante do movimento mundial por reconhecimento da cultura e da Língua de Sinais. Em 2002, por meio da Lei nº 10.436, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, a Língua de Sinais é “reconhecida como fonte legal de comunicação e expressão”. Concatenada a essa conquista histórica, a Lei que oficializou como legalmente aceita como a segunda língua do país, emerge o Decreto 5.626 de 2005, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais elencando o direito ao ensino em escolas e/ou classes de educação bilíngue, com professores fluentes nas Libras e na Língua Portuguesa, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

Escolas ou classes de educação bilíngue são aquelas que tenham como primeira língua a Libras e, como segunda, a Língua Portuguesa para o desenvolvimento educativo e social. Entretanto, a comunidade surda continua unida em prol da

luta a favor da real concretização do ensino bilíngue, visto que inúmeras tentativas de subtrair esse direito surgiram, e ainda busca lograr a excelência na educação dos surdos. Os sujeitos surdos são discriminados pela sociedade, e, por isso, a escola bilíngue visa desconstruir tal representação, assim, articulando um trabalho junto aos alunos e a comunidade escolar de conscientização sobre a afirmação de uma classe inferior: os surdos.

O desafio para a inserção de Libras no dia a dia na escola engloba tanto os ouvintes como os surdos, desta forma, precisa-se adentrar a cultura surda, além de conhecer profundamente as características do processo visual de aprendizagem que não pode ser fragmentado e descontextualizado. Conforme Gesser (2009), o currículo da Língua de Sinais na educação de surdos não está programaticamente estabelecido, e, assim, necessita-se de um ensino sistematizado da Língua. Para que isso aconteça de forma exitosa, as ações voltadas à educação precisam estar entrelaçadas aos percursos transitados pelos alunos surdos de forma que possam ter autonomia e segurança para a construção de seus conhecimentos.

Na EaD, as estratégias devem ser colocadas em práticas para que a aprendizagem do aluno surdo possa ser efetiva, e, assim, os recursos e os instrumentos disponibilizados precisam ser adaptados para os alunos surdos, além da disponibilidade de um intérprete de Libras para traduzir as informações consoante ao curso oferecido. Contudo, é necessário averiguar a efetividade dos recursos e das ferramentas instrucionais de um curso a distância sob um viés inclusivo para a comunidade surda. Os materiais a serem produzidos precisam ter expressão clara, objetiva, direta, específica e dialógica.

Deste modo, é preciso evitar o que for vago, impreciso, abstrato e genérico para que o aluno compreenda de forma sucinta o conhecimento e saber a ser construído. Rodrigues (2007, p.67-68), afirma a necessidade de ter clareza, busca rápida na comunicação, ter consistência, utilizar conexões textuais e apresentar multiplicidade de vozes com a intencionalidade de dialogar e construir o conhecimento. Para a produção de material para EaD, a autora destaca que é importante buscar “clareza no que se escreve. Um texto claro é aquele em que o tema e as informações importantes são tratados com precisão”.

O aluno surdo assim como o ouvinte apresenta um grande problema que é a questão da autonomia em relação à compreensão da mídia impressa, muitas vezes, decorrente da ausência da clareza da tessitura do conteúdo apresentado, ou devido a defasagem de sua formação, assim limitando o aluno no panorama geral cognoscitivo. Para os alunos conquistarem autonomia, eles precisam ser meta-cognitivo, motivacional e

comportamentalmente ativo em sua própria aprendizagem. Entretanto, outro ponto importante é planejar e adaptar os materiais para que os alunos surdos livremente construam seu conhecimento, para isso, os recursos visuais podem ser sempre inseridos na plataforma virtual e os materiais de apoio.

Ele apresenta, também, dificuldades e limitações. O trabalho pedagógico é fundamental para o seu desenvolvimento, tendo um atendimento que respeite seus limites, o motive e o estimule no permear do curso, pois com o assessoramento pedagógico em colaboração com o professor, o tutor a distância e o intérprete de libras (quando necessário), auxiliará o aluno com necessidade especial a percorrer o mesmo trajeto que o aluno sem a necessidade de atendimento especializado.

O desenvolvimento do aluno surdo se dará de forma progressiva e com complexidade gradativa, portanto, a proposta curricular deve adotar projetos que se baseie na interação sujeito e objeto entrelaçada a ações que corroborem para a aprendizagem. O ensino deve ocorrer de modo organizado e sistemático, não enfadonhamente metódico, mas motivador e intrigante.

Entendemos que, assim como na educação presencial, também na modalidade a distância as atividades, tais como fóruns, atividades dissertativas e tarefas de construções textuais, devem ser parte significativa das aulas, não servindo apenas para verificar se o aluno é capaz de recuperar as principais informações transmitidas. Muito mais do que isso, as ações de construção de conhecimento por meio de fóruns, tarefas e exercícios que são distribuídas ao longo de todo o material *online*, devem levar o aluno à construção do conhecimento.

Nas plataformas virtuais utilizadas atualmente, contamos com diversos recursos e ferramentas que auxiliam bastante nas ações de ensino e de aprendizagem. No entanto, é necessária uma boa gestão desses recursos, principalmente por atuarmos em salas plurais e inclusivas. Além disso, a EaD permeia por várias modalidades e níveis de ensino o que a deixa mais ampla e heterogênea.

Sendo assim, essa pesquisa pretende estudar a efetividade dos recursos e das ferramentas instrucionais em uma sala de aula virtual inclusiva com o aluno surdo. Com a pesquisa, pretende-se responder as seguintes problemáticas: quais recursos e atividades virtuais assíncronas são mais apropriadas para serem utilizadas nesses casos? A pesquisa será do tipo bibliográfica e tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Isso se justifica pelo fato de que a real efetividade do uso de recursos e de ferramentas virtuais ainda tem muita coisa a ser questionada

e avaliada, principalmente sob o viés da educação inclusiva. Espera-se com a pesquisa que se obtenham resultados que direcionem quais os recursos e as ferramentas em ambientes virtuais proporcionam melhores resultados de ensino e de aprendizagem nos alunos surdos.

A apropriação do espaço educacional peculiar às necessidades do povo surdo é fundamental para engendrar processos que facilitem o acesso e a compreensão dos mecanismos que constituem o processo de ensino e aprendizagem. Essa construção, sob a visão de uma nova cultura e uma nova forma de desnudar os saberes e conhecimentos descortinados na plataforma virtual para a comunidade surda, deve ser efetivamente aplicada e em consonância com a estrutura da língua dos surdos, isto é, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), pois essa língua é a primeira língua para o surdo, isto é, a de maior importância por ser peculiar nesse contexto. Desta forma, a Língua Portuguesa (L2) e a Língua de Sinais (L1) precisam estar articuladas e conseqüentemente serem trabalhadas de maneira linear, não evidenciando uma em detrimento da outra. Para que isto se concretize, os aspectos visuais são fundamentais para a compreensão do significado semântico dos estudos e dos conhecimentos abordados.

No contexto educacional, temos profissionais de educação que conglomeram para o desenvolvimento integral do educando sob o viés inclusivo, em relação ao aluno surdo. Um profissional que tem papel fundamental para lograr êxito nos aspectos objetivados é o intérprete de alunos surdos, que propõe e executa ações alicerçadas na perspectiva dialógica para o desenvolvimento do educando no contexto escolar. Esse profissional auxilia os alunos na compreensão do conteúdo curricular proposto em sala de aula, além de auxiliar no que condiz às dificuldades de aprendizagem escolar. As atribuições dos intérpretes de alunos surdos são imbricadas em sua primeira língua LIBRAS. Para a garantia de uma educação que atenda a heterogeneidade social, é necessária a reorganização e cultural dos sistemas de ensino a fim de se tornarem inclusivos, assegurando desta forma as especificidades educacionais de todos os alunos.

As relações dos surdos com o ouvinte se dão de forma transformacional, pois há a atuação para a definição da identidade do surdo associada as formas de apropriação de uma identidade cultural do povo surdo. Desta forma, é fundamental a pesquisa e a compreensão da identidade social numa fusão social e científica da visão do povo surdo, conforme afirma Strobél:

o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável

ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas. [...] Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. (STROBEL, 2009, p. 27).

A EaD emerge com a função democratizadora, e nesse contexto, a transposição da identidade do aluno surdo precisa ser evidenciada e adaptada para que a aquisição de conhecimentos e saberes se construa de forma consolidada na Educação a Distância. Sendo assim, o objetivo desse trabalho é averiguar a efetividade dos recursos e das ferramentas instrucionais de um curso a distância sob um viés inclusivo para a comunidade surda.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O ensino a distância sob o viés de inclusão do aluno surdo: o ambiente virtual e a proficiência dos profissionais

O processo de adequação do aluno surdo precisa de um estudo em que se descortinam as diferentes formas de interfaces que podem auxiliar no processo de ensino e de aprendizagem e não sobrecarregar cognitivamente o aluno, tais como as mídias de comunicação, as mídias sociais e os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Para isso, os projetistas estruturam e articularam “materiais, tecnologias de fabricação, formas, cores, volumes, texturas, imagens, tipografia e incorpora recomendações ergonômicas”. Conforme Costa (2012), a interface gráfica é permeada de funções quando é interface para a web: o hipertexto. O termo Hipertexto, criado por Theodore Nelson, surgiu para denominar à escrita/leitura não linear na informática, e assim está relacionado ao desenvolvimento computacional em virtude da interatividade, eximindo o cenário rígido e centralizador lançando mão das interfaces interatividades que permitem a aquisição do conhecimento de forma mais reflexiva e interativa, as quais podem estar entrelaçadas ao modo de compreender dos alunos surdos. Costa (2012) elenca algumas formas que auxiliam na criação de interfaces como:

- Organização da informação: proximidade e afastamento: tem por objetivo a organização de informações por proximidade (as informações que tem relação) e por afastamento;
- Organização da informação: este tipo de organização visa oferecer atrativo, isto é, que seja algo relevante em situações de contraste. Uma maneira de dar destaque à informação e oferecer um atrativo visual à página é criar situações de contraste;

- Organização da informação: equilíbrio simétrico e assimétrico – organizado tendo por objetivo o entrelaçamento de ideias. Assim como revistas, livros de arte e websites com diagramação de qualidade, os layouts são sofisticados, pois não utilizam textos centralizados; Simplicidade: Tanto no designer da página quanto na clareza da informação;

- A simplicidade deve estar presente, no entanto, o designer precisa dar credibilidade em sua elaboração;

- Eficiência: na web devem-se projetar ações reduzidas ao máximo, com conforto e menos fadiga;

- Consistência: identidade visual do ambiente consolidada a repetição de elementos característicos, a utilização de códigos já apreendidos anteriormente auxilia na compreensão da interface;

- Uso de Padrões: redução do custo cognitivo, como uso de convenções, tais como pastas para arquivos, envelopes para correspondência de e-mail, impressoras para indicar texto para impressão etc;

- Legibilidade: Informações com clareza, subjetividade e praticidade. Considerações sobre o uso de cor nas interfaces: As cores dão tons característicos e cheios de intencionalidades. Com esse viés deve-se dar atenção à cor e ao contexto, e também a reação à cor;

- Uso de Metáforas e temas visuais - permitem a facilitação da aprendizagem e propõe uma estrutura unificada, e ainda o uso de metáforas ajuda a “facilitar o entendimento do usuário, criar unidade e motivação”;

- Ícones “são imagens ou sinais gráficos que possuem as propriedades de um objeto”, e ainda, podem representar um pensamento ou ideia;

- A navegação poderá nortear o usuário, e será balizado por meio de três indagações: “(1) Onde estou? (2) Onde estive? (3) Aonde posso ir?”

- Desenho do Conteúdo - Conteúdos mais atraente, dinâmico e didático. “Os textos devem ser pequenos, com blocos não muito longos, preferencialmente com parágrafos curtos, subtítulos e listas com bullets”.

Em suma, as interfaces e hipertextos dão uma cor especial ao espaço em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) e, assim, permitem uma aprendizagem mais dinâmica, reflexiva, exequível, integrada, interativa e inovadora. A imagem contunde com a peculiaridade da cultura a que foi criada. A imagem no decorrer do contexto histórico surge não como fruição do belo, ou denotação religiosa, mas como narrativa devido a momento de proibição de alguns escritos críticos. Outro recurso é a fotografia que denota uma função de imagem narrativa não verbal e numa perspectiva de cunho social e documental. A fotografia emerge como uma “elaboração social de produção de sentidos, suportados por convenções culturalmente reconhecidas”. As imagens em movimento, o cinema ou vídeo e o teatro são expressões modernas produzidas

de forma dependente das técnicas e da estética do contexto histórico em que foi produzida. A contemporaneidade traz as novas tecnologias como fontes de expressões de ideias e de pensamentos. A imagem inicia-se com ritos nas pinturas em cavernas e engendra funções: “estética (fruição do belo); narrativa; documental, representativa do real, do irreal, de ideias e de informações”. Todas as inovações não substituem modelos de ensino e aprendizagem, mas são complementadas de modo interacional. Esse todo irá remeter processos de construção de conhecimento e consolidar-se a partir do momento que o ambiente seja harmonicamente compreensível ao aluno surdo.

O trabalho de arquitetura e preparação do ambiente virtual devem estar entrelaçados aos trabalhos dos profissionais que circundam no processo de ensino e aprendizagem na EaD. Desta forma, o trabalho docente a distância, fundamental no processo de ensino, se contextualiza de forma colaborativa e cooperativa. Na modalidade em questão, temos variadas atribuições no que cerne o trabalho docente. Todos os profissionais que participam desse processo de ensino entrelaçam suas funções com interdependência. A estrutura organizacional permite atribuições de funções dependentes uns dos outros, sendo que um mesmo profissional pode realizar mais de uma função. No que tange a perspectiva da organização, há traços de taylorismo/fordismo que organiza de forma hierarquizada e sistematizada, ou seja, cada trabalhador desenvolve uma atividade específica, e de forma paradoxal. Associam-se, também, as características do toyotismo, em sua flexibilidade no ensino. No conceito de polidocência, Mill (2010), afirma que é a articulação do conjunto de trabalhadores que se faz necessário no processo de ensino na EaD, em que também vislumbra a divisão do trabalho pedagógico. O autor menciona que o docente na educação a distância é chamado de polidocente.

Já o teletrabalhador é mais restrito e por isso não se pode afirmar que todos os profissionais que trabalharam na EaD atuam a distância, e desta forma, nem todos são considerados teletrabalhadores. Nessa modalidade, temos um grupo de profissionais que compõem um curso na educação a distância, os quais são: os coordenadores da unidade, muitas vezes imbrincada com os mecanismos da coordenação administrativa; a coordenação pedagógica, responsável pela parte pedagógica - atividades de elaboração do material didático, relação tutor-alunos, adequação da metodologia; a coordenação tecnológica ou coordenação de informação e comunicação, que coleta e sistematiza as informações sobre as atividades do curso e ainda gerencia o fluxo das informações possibilitando a otimização das ações de todos envolvidos; o coordenador para cada curso oferecido na instituição que organiza e zela pelos profes-

sores; o coordenador para cada disciplina, que elabora o conteúdo e gerencia os tutores e os monitores. Um papel importante é o do tutor que pode estar dividido em duas ou mais categorias: os tutores virtuais que atuam na mediação de alunos e tutores presenciais no quesito pedagógico; os tutores presenciais ou locais que auxiliam os alunos do curso em todas as disciplinas, não sendo, necessariamente especialistas. Os profissionais que engendram o processo de ensino e aprendizagem a distância compõem o processo de polidocência proposto por Mill (2010), os quais foram supracitados.

Para que todos os profissionais que atuam na EaD fossem teletrabalhadores, eles deveriam atuar a distância, no entanto, nem sempre isso ocorre como afirma Mill (2010, p.08):

instituições oferecem seus cursos com base em dois modelos: um do tipo virtual (quase totalmente pela Internet) e outro do tipo central-pólos (passível de realização de modo virtual ou baseado em outras mídias). Em ambos os casos, as avaliações, em conformidade com a legislação brasileira para a educação a distância, devem ser presenciais.

O ensino a distância deve elencar várias visões e percepções de ensino, portanto, abrangendo as diferentes limitações e desenvolvimentos dos alunos, em especial, o aluno surdo. Os mecanismos que constroem esse processo de ensino sob uma perspectiva inclusiva devem estar conduzido de forma precisa quanto a inserção do aluno com limitações, o que proporcionará condições igualitárias de ensino e de aprendizagem.

O ensino bilíngue e o ensino em EaD

Enraizado ao pensamento de uma cultura própria surge a Escola para os surdos e a educação bilíngue - Língua Portuguesa/Libras, que desenvolve o ensino escolar na Língua Portuguesa e na língua de sinais. O ensino da Língua Portuguesa ocorre como segunda língua na modalidade escrita para alunos surdos por um tradutor/intérprete de Libras e Língua Portuguesa, e o ensino de Libras para os demais alunos da escola. (BRASIL, 2005, p. 11)

O Decreto nº 5.626/05, em diálogo com as reivindicações das comunidades surdas brasileiras, defende a educação bilíngue, definindo-a, bem como os espaços onde ela deve ser implantada, nos seguintes termos:

São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo. (BRASIL, 2005, Artigo 22, §1º).

O bilinguismo, por vezes, é entendido como fenômeno mundial no uso de duas línguas. No Brasil, os estudos que pesquisam a interação em contextos bi/multilíngues ainda são ínfimos. A busca pela uniformidade linguística e cultural, presente na ideologia de uma língua, uma nação, gerou o mito do monolinguísmo, como forma de apagar as línguas nacionais minoritárias e de imigração em favor de um projeto de construção de um Estado Nação homogêneo, no qual não há lugar para o plural, para o diferente (CAVALCANTI, 1999; FRITZEN, 2008). Essa homogeneidade suprime grupos linguísticos minoritários, como a língua das comunidades surdas. Quadros (1997, p.03) alude sobre a questão de uma primeira língua e uma segunda língua, as quais garantem o desenvolvimento da linguagem a comunidade surda.

Na educação de surdos, entende-se por bilinguismo uma proposta educacional que leva em consideração que a língua de sinais é a primeira língua (L1) dos surdos, de modo que possam, através dela, aprender uma segunda língua (L2), no caso do Brasil, a Língua Portuguesa. Segundo Quadros (1997), no caso da comunidade surda, a L1 é fundamental para que as crianças surdas tenham acesso à língua de sinais para garantir o desenvolvimento da linguagem e, conseqüentemente, do pensamento; e o domínio da L2, na modalidade escrita, é necessário para que os sujeitos surdos possam fazer valer os seus direitos em sociedade.

O Bilinguismo conglomerava para a realização de políticas e práticas educacionais para os surdos ensejando aquisição de Direitos aos surdos frente ao contexto social. Thoma e Klein, (2010, p.118,) mencionam alguns pontos importantes diante das conquistas da comunidade surda, tais como:

Criar cursos noturnos para jovens e adultos surdos no ensino fundamental, médio, superior, supletivos, cursos profissionalizantes, em que os professores usem língua de sinais ou em que haja intérpretes da mesma; Buscar recursos para a manutenção de uma Central de Intérpretes para atender aos surdos de Classe Especial, de Integração e Faculdades; Em concursos públicos, a prova de português precisa ser analisada com critérios específicos e inclusive com presença de intérpretes; Considerar que as escolas de surdos devem ter intérpretes em todos os eventos e para os momentos de diálogo com a família de pais surdos e entre familiares ouvintes e filhos surdos; Assegurar que, nas reuniões de escolas de surdos, os professores surdos tenham direito a intérpretes e a entender o que está sendo falado, tendo suas opiniões respeitadas e debatidas como são as dos professores ouvintes; Prestar assistência aos pais surdos

com filhos ouvintes, propiciando a presença de um intérprete em reuniões na escola em que este estuda, fazendo com que os pais ou a escola arquem com as despesas deste profissional.

Os Direitos da comunidade surda permeiam a intenção de formação de seres pensantes e atuantes na sociedade, os quais sejam incluídos no cenário social de forma pertinente e peculiar ao seu modo de desenvolvimento social. O ensino na EaD consubstancia-se frente as várias teorias das aprendizagens. Estas têm grande importância nos processos de ensino e aprendizagem, e na EaD não é diferente, pois elas exercem valiosas colaborações nos métodos e nas teorias de ensino na educação a distância. Para compreender melhor, vamos elencar o que cada perspectiva apresenta com seu conceito. No inatismo vislumbramos que Platão acreditava na importância das ideias congênitas. Ele afirmava que a pessoa já conhecia alguns conceitos desde seu nascimento. Essa “perspectiva sustenta que as pessoas naturalmente carregam certas aptidões, habilidades, conceitos, conhecimentos e qualidades em sua bagagem hereditária”. Já no construtivismo, que temos Jean Piaget, o sujeito possui habilidades e características peculiares a si, mas para ter o êxito, o meio deve propor incentivos, tais como: objetos, processos de organização de eventos, dentre outros. Nessa visão, o professor é um facilitador de desafios e ações, no entanto, ocorrerá a aprendizagem. No empirismo – Aristóteles apontou uma perspectiva que se contrapõe à de Platão, pois para ele, mesmo que as pessoas tenham capacidades natas, elas precisam de processos empíricos para desenvolver essas capacidades. Essa visão impulsionou a metodologia tradicionalista (memorização, repetição, cópias, isto é, teoria tecnicista). Sob esse viés, o professor é o detentor do conhecimento e o aluno mero receptor.

Em contraposição ao empirismo, surge à dialética, que tem visão de articulação às contradições existentes no empirismo e no inatismo, pois ela é “um processo de ir e vir, de reflexão-ação, de interação da experiência sensorial e da razão, da interrelação sujeito e objeto, sujeito”. (PRETI, 2002). Já no interacionismo, temos imbricada a Teoria Sócio-histórica de Vygotsky, que acredita no processo da aprendizagem em que os fatores externos e sociais são adquiridos. Resende (2005), alude que Vygotsky se preocupa com a interação social. Diante da interação social o sujeito efetiva trocas que consolidam as funções mentais superiores. “O indivíduo herda, ao nascer, a evolução cultural e desenvolve-se em função do meio social, o indivíduo é interativo”. Quanto ao pensamento enviesado por Sócrates – a maiêutica - tem-se como pressuposto dar à luz

ideias de difíceis compreensões. Através dela o sujeito adentra no conhecimento ainda sem concretude e emerge a sua compreensão em âmbito maior. Desta forma, Sócrates faz analogia ao ato da parteira – e da mãe - que traz uma vida, isto é, dá a luz ao processo de construir o conhecimento, ainda sem abrangência, e dá luz ao mundo das ideias. Assim, a aprendizagem se consolida de dentro para fora, e sob essa visão, temos o professor que conduz e incentiva o aluno ir além do que está apresentado. Outra teoria, a autopoietica, tem como ideia básica um sistema organizado auto-suficiente. Este sistema é autônomo que se autoproduz e autorregula em transformações na própria estrutura. O termo Autopoiese foi criado pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela. O Behaviorismo tem Skinner como precursor. Essa perspectiva tem como foco o comportamento humano, e em relação ao conhecimento, encontra contingências no reforço, e o condicionamento é proposto pelo estímulo, e conseqüentemente temos a resposta.

Preti desvela como as teorias da aprendizagem são fundamentais na escolha de métodos e de estratégias pedagógicas para desenvolvimento das interações virtuais de forma significativa e contundentes ao marco da EaD. Preti afirma que no empirismo, pode-se fazer analogia a forma que muitas instituições têm com os “pacotes instrucionais”, isso aliado as “teorias comportamentalistas (neo-behavioristas e tecnicistas, de base estímulo resposta, com materiais auto-instrucionais)”. Desta forma, podemos afirmar que o foco é treinar cursistas, o que pode ser proposto na modalidade em EaD. Já no inatismo, a relação existente com a EaD seria a mola propulsora para fazer o aluno autônomo, sendo que este possui uma bagagem de conhecimentos interiorizados. Entretanto, nessa visão imbrincada, a EaD “desenvolveu uma espécie de mito na “independência intelectual” do estudante, em sua capacidade auto-didática, em saber estudar sozinho, não necessitando da presença de outrem”

A dialética, “é um processo individual/coletivo, solitário/solidário onde os contrários não se negam, mas se completam e se determinam” (Preti, 2002), conforme se concretiza na construção da aprendizagem na EaD que é proposta de forma assíncrona e síncrona, em que o aluno participa de forma colaborativa e interacional com a turma. Há a “co-operação” e isso pode ocorrer mesmo a distância. No construtivismo, na EaD a instituição visa o processo. A função do professor nessa perspectiva tem como base a maiêutica em que deve fazer emergir a construção do conhecimento, e os alunos são tidos como sujeitos participativos e ativos no processo de construção da aprendizagem. Como afirma Sócrates, na alusão da

maiêutica a um processo relacional da parteira e da mãe no processo de dar à “luz, que seria dar luz ao mundo das ideias e a construção do conhecimento. Esse processo de ensino é contundente a forma de ensino ao aluno surdo, pois possibilita a construção crítica e social da aprendizagem. O educador que conduz um processo em EaD precisa adequar os fundamentos teóricos norteadores na definição de estratégias pedagógicas adequadas à metodologia de EaD e ao uso das tecnologias. No entanto, essas ações devem permitir uma aprendizagem consolidada na interação e colaboração virtual em que se firme o processo de construção de conhecimentos.

A importância da caracterização da cultura dos surdos

A construção cultural passou por definições e conceituações ensejando a compreensão dos aspectos sociais. Conforme Veiga-Neto (2003), o termo cultura designava as ações da humanidade em tudo que produziam de melhor, “fossem em termos materiais, artísticos, filosóficos, científicos, literário etc.”. Diante desse fato, a cultura permeou há tempos à intitulação de única e universal, isto é, numa visão monocultural frente a um conceito totalizante. O mote cultural já foi compreendido como forma de estar no mundo, vislumbrar as obras de arte e de literatura, refletir filosofias e sistemas religiosos, sendo estas observadas como superiores. Por isso, a escrita da palavra cultura passou a ser com letra maiúscula, pois era vista como status elevado, e assim foco de modelo para outras sociedades – elevação cultural. O cunho elitista conferido a essa expressão evidenciou a questão da dominação e exploração decorrente da ideologia elitista da cultura com marcadores culturais em cada grupo e momento histórico. Para Veiga-Neto (2003, p.12), a educação e a cultura são associadas as nuances da disciplina:

Na educação, o homem deve, portanto: 1) Ser disciplinado. Disciplinar quer dizer: procurar impedir que a animalidade prejudique o caráter humano, tanto no indivíduo como na sociedade. Portanto, a disciplina consiste em domar a selvageria. 2) Tornar-se culto. A cultura abrange a instrução e vários conhecimentos. A cultura é a criação da habilidade e essa é a posse de uma capacidade condizente com todos os fins que almejemos [...]. 3) A educação deve também cuidar que o homem se torne prudente, que ele permaneça em seu lugar na sociedade e que seja querido e que tenha influência. A essa espécie de cultura pertence o que se chama propriamente civilidade. Esta requer certos modos corteses, gentileza e a prudência de nos servirmos dos outros homens para os nossos fins [...]. 4) Deve, por fim, cuidar da moralização [...]. Em

sintonia com outros autores alemães do século XVIII – como Goethe, Schiller, Herder, Fichte etc. –, Kant diferencia Cultura de civilidade, não entendendo aquela como uma decorrência necessária do desenvolvimento desta, ou seja, como o resultado de um aperfeiçoamento da civilização. Ao contrário, Kant e os outros intelectuais citados são unânimes em estabelecer um contraponto entre Cultura e civilidade.

O leque de definições de cultura evidencia o desejo de supremacia e de dominação de segmentos sociais, porém contrapondo-se a esse pensamento surge a construção da cultura dos grupos tidos como inferiores, que na realidade são grupos que têm peculiaridades e singularidades na percepção social e política. Vale ressaltar a cultura do povo surdo que emerge frente particularidades que compõe a formação social diante das limitações pertinentes a esse grupo. Entretanto, esse pensamento opõe-se aos termos culturais que significam uma identidade única e a rejeição de toda e qualquer diferença. Esse processo que emerge a cultura surda apresenta à necessidade de adaptações no ensino a distância aos alunos surdos.

Os surdos por terem a limitação devido à surdez não possuem a linguagem (oral) e suas funções inteligíveis. No entanto, sempre foram estigmatizados como seres humanos com menor valor social. A língua de sinais era vista como uma mímica gestual sem muito valor semântico e comunicativo. Contudo, havia uma exclusão profissional e social com os surdos por configurar a linguagem um objeto de discriminação e organização social. Os surdos e ouvintes têm uma relação de hierarquia por uma condição subumana e em relação aos surdos serem desprovidos de todos os traços que os assemelham as pessoas “normais”. Santana e Bergamo (2005), abordam sobre a importância de defesa e da proteção da língua de sinais para ressignificação e o acolhimento do direito de um mundo particular com uma linguagem própria. A segregação de grupos é produzida socialmente bem como sua integração, porém a “medida que todo comportamento humano está subordinado à cultura que os constrói, propaga, veicula e sedimenta”. As normas sociais consolidam a separação de grupos revisitando a vida social, modo de falar, jeito de vestir-se, de pensar, de reflexões sobre o mundo. Portanto, a luta pela inclusão dos surdos, em modo restrito, é uma forma de “garantia” de distanciamento da “anormalidade”, e de aproximação na relação do diferente. Contudo, a EaD reconhecendo essa verdade, deve propiciar ao aluno surdo o ensino mediado pela LIBRAS (com intérpretes) e com professores especialistas das disciplinas ofertadas.

Os surdos crescem cercados de valores, de crenças, de símbolos, de modos de agir e de pensar, de um sistema socialmen-

te imposto e em constante mudança. Já em relação ao campo da surdez, a língua de sinais tece referência ao termo cultura, pois possui mecanismos compensatórios de atuação “para agir no/sobre o mundo, como o despertador que vibra, a campanha que aciona a luz, o uso de fax em vez de telefone, o tipo de piada que se conta”, conforme afirma Santana e Bergamo (2005). A existência de uma cultura surda se entrelaça ao bilinguismo. O homem tem influências de diversas áreas que tecem um emaranhado de informações que vão dando concretude ao aspecto social e interacional. Contudo, percebe-se que a cultura surda não está associada apenas a língua de sinais, mas amplia-se diante da particularidade e peculiaridade da comunidade surda. Essa visão deve estar imbricada aos campos organizacionais na plataforma virtual, além de estarem inseridos no currículo do curso ofertado ao aluno surdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A educação a distância ganha destaque dentre as outras modalidades de ensino pelo fato da aprendizagem poder ser mediada de forma assíncrona. Isso é um fator positivo tanto para empresas como para escolas que tem como objetivo principal, capacitar e formar pessoas e que se deparam com diversos entraves como a falta de tempo, a falta de recursos básicos para manter um curso presencial, a falta de oportunidades etc.

No entanto, esses mesmos fatores que justificam a grande evolução da EaD nos últimos anos também preocupam, pois os investimentos em capacitação e valorização da modalidade seja no setor público ou no setor privado, não acontece na mesma velocidade. Uma das grandes preocupações é a capacitação de pessoas para atuar nessa modalidade bem como de produção de materiais e recursos adequados para o aluno que utiliza a educação a distância na sua formação, seja ela de nível médio, superior ou de formação continuada. Por mais que a EaD contemple atividades, em sua grande maioria, de caráter assíncrono, isso não quer dizer que o aluno vai estudar individualmente e só acionar o professor ou tutor quando tiver dúvida. Mas, os materiais e as atividades devem estimular a participação do mesmo, a inclusão nos seus diversos âmbitos e a construção coletiva do conhecimento assim como acontece em uma sala de aula presencial, haja vista que deve também respeitar a pluralidade e garantir o acesso de todos.

Sendo assim, essa pesquisa objetivou estudar a efetividade dos recursos e das ferramentas instrucionais em uma sala de aula virtual inclusiva com aluno surdo. Com a pesquisa, pretendeu-se responder as seguintes problemáticas: quais recursos e

atividades virtuais assíncronas são mais apropriados para serem utilizados em salas virtuais inclusivas?

Após as pesquisas bibliográficas, notou-se que os recursos e os instrumentos disponibilizados na EaD precisam ser adaptados para os alunos surdos, além da disponibilidade de um intérprete de Libras para traduzir as informações consoante ao curso oferecido. Contudo, é necessário averiguar a efetividade dos recursos e das ferramentas instrucionais de um curso a distância sob um viés inclusivo para a comunidade surda. Os materiais a serem produzidos precisam ter expressão clara, objetiva, direta, específica e dialógica. Deste modo, é preciso evitar o que for vago, impreciso, abstrato e genérico para que o aluno compreenda de forma sucinta o conhecimento e saber a ser construído.

Ao longo dessa pesquisa, buscamos apresentar por uma breve incursão histórica da EaD e políticas inclusivas para surdos, relações entre as especificidades linguísticas desses alunos e o uso de ferramentas básicas presentes nos ambientes virtuais.

Entendemos que uma tentativa de aproximação de produção de materiais e organização do espaço de modo visual representa uma potência significativa para aprendizagem dos surdos, principalmente quando mediadas pelas Libras e recursos de acessibilidade. Este trabalho contribui para dar início às discussões nesse sentido, mesmo que de modo superficial, uma vez que cada uma das ferramentas pode ser explorada de modo ainda mais específico em pesquisas futuras.

Pensar a EaD e seus recursos como caminho possível na democratização do ensino e acesso dos surdos, desponta como um novo desafio em meio as novas políticas de inclusão. O aluno surdo, assim como o ouvinte, apresenta um grande problema que é a questão da autonomia em relação à compreensão da mídia impressa, muitas vezes, decorrente da ausência da clareza da tessitura do conteúdo apresentado, ou, devido à defasagem de sua formação, assim limitando o aluno no panorama geral cognoscitivo. Para os alunos conquistarem autonomia, eles precisam ser meta-cognitivos, motivacional e compostamente ativos em sua própria aprendizagem. Entretanto, outro ponto importante é planejar e adaptar os materiais para que os alunos surdos livremente possam construir seu conhecimento; para isso, os recursos visuais podem ser sempre inseridos na plataforma virtual, e também os materiais de apoio.

O processo de adequação do aluno surdo deve ser realizado por meio de um processo de ensino e aprendizagem que não sobrearregue cognitivamente o aluno. Sendo assim, conforme encontrado na literatura estudada, os projetistas e designers devem explorar os materiais, as tecnologias de fabricação, as formas, as cores, os volumes, as texturas, as imagens, a tipografia etc. Uma das interfaces bem vistas é o hipertexto, que está relacionado ao

desenvolvimento computacional em virtude da interatividade, eximindo o cenário rígido e centralizador e lançando mão das interfaces que permitem a aquisição do conhecimento de forma mais reflexiva e interativa, na qual é primordial para a compreensão de conteúdos pelos alunos surdos.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Cristine Costa (org.). **Planejamento e elaboração de material didático impresso para educação a distância**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2007.

Disponível em: < <http://imip.nucleoad.net/PlanejamentoeElaboracaodeMaterialdidaticoimpresso para Educacao a Distancia.pdf>> Acesso em: 15 mar. 2007.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 19 set. 2015.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Disponível em:<www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 19 set. 2015.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 19 set. 2016.

CAVALCANTI, Marilda C.. Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. spe, p. 385-417, 1999. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300015&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 08 mar. 2017

CORREIA, A.P.; DIAS, P. **A evolução dos paradigmas educacionais à luz das teorias curriculares**. Rev. Port. Educ., v.11, n.1, p.113-22, 1998. Disponível em: < <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/490/1/AnaPaulaSousa.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

COSTA, Rosa Maria E. M. da & MARINS Vânia. **Interfaces**. 2012. Disponível em: <<http://www.lanteuff.org/moodle/course/view.php?id=333>>. Acesso 19 abr. 2017.

FRITZEN, Maristela Pereira. **Ich spreche anders, aber das ist auch deutsch: línguas em conflito em uma escola rural local**

lizada em zona de imigração no sul do Brasil. *Trab. linguist. apl.*, Campinas, v. 47, n. 2, p. 341-356, Dec. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132008000200005&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 05 abr. 2017

GESSER, Andrei. **LIBRAS? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais na realidade surda.** São Paulo: Parábola editorial, 2009.

GOUVÊA, Guaracira; OLIVEIRA, Carmem Irene. **Educação a distância na formação de professores: viabilidade, potencialidades e limites.** Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.

MAIA, C. e MATTAR, J. **ABC da EaD: educação a distância hoje.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MILL, Daniel; FIDALGO, Fernando. **Sobre tutoria virtual na Educação a Distância: caracterizando o teletrabalho docente.** 2010. Disponível em: <http://docplayer.com.br/6315345-Sobre-tutoria-virtual-na-educacao-a-distancia-caracterizando-o-teletrabalho-docente-daniel-mill-fernando-fidalgo.html>. Acesso em: 20/07/2016, às 22:41h.

MORAN, J. M. **O Que é Educação a Distância.** 1994 (atualizado em 2008). Disponível em: <http://www.prodocente.redintel.com.br/cursos/000009/colaboracao/art_ead_moran_que_e_educacao_a_distancia.pdf>. Acesso em 29 out. 2016

PACHECO, José Augusto. **Currículo: teoria e praxis.** Porto: Porto Editora, 1996.

PRETI, Orestes. **Bases Epistemológicas e Teorias em Construção na Educação a Distância.** Cuiabá: NEAD/UFMT, 2002. Disponível em <http://www.uab.ufmt.br/uab/images/artigos_site_uab/bases_epistemologicas.pdf>. Acesso em 01 out. 2013.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem,** Porto Alegre: Artmed, 1997

RESENDE, R. L. S. M. **Fundamentos Teórico Pedagógicos para EaD.** 2005. Disponível em <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/055tcb5.pdf>>. Acesso em 01 out. 2013.

RODRIGUES, Sonia. Aula 04: Linguagem: significados e funções. In: **Planejamento e elaboração de material didático impresso para**

Ensino a Distância. Organizadora: Cristiane Costa Barreto. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2007. (51-70)

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. **Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas.** *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 565-582, ago. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 abr. 2017.

SILVA, Antônio Carlos Ribeiro da. **Educação a distância e o seu grande desafio: o aluno como sujeito da sua própria aprendizagem.** 2004. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/012-TC-A2.htm>>. Acesso em 10 mar. 2017.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos.** Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2017.

THOMA, Adriana da Silva; KLEIN, Madalena. **Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil.** *Cadernos de Educação. FaE/PPGE/UFPEL: Pelotas, maio/agosto 2010.* p. 107-131. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1603>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

CURRÍCULOS

* Docente da Secretaria Municipal de Educação de Águas Lindas. Especialista em Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

** Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - *Campus* Brasília. Especialista em Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

*** Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - *Campus* Samambaia. Especialista em Língua Brasileira de Sinais pela Universidade Paulista (UNIP).